

# Reflexões sobre as relações espaço-tempo: a sala dos professores

Marcele Teixeira Homrich\*

**RESUMO:** O foco do presente texto consiste em descrever as relações espaço-tempo na sala dos professores, em uma instituição escolar estadual, cujo objetivo é analisar esses elementos, destacando alguns aspectos econômicos e políticos que permeiam o cotidiano escolar. Também enfatiza a importância da constituição de um sujeito social, capaz de história própria, individual e coletiva. As dinâmicas dos acontecimentos escolares demonstram-se por meio das vozes que circulam na sala dos professores, lugar central do estudo, permitindo pensar sobre o contexto e a necessidade de pensamentos reflexivos como possibilidade de transformação.

**PALAVRAS-CHAVE:** espaço, tempo, sala dos professores.

**RESUMEN:** El foco del presente texto consiste en describir las relaciones de espacio-tiempo en la sala de los profesores, en una institución educativa estatal, cuyo objetivo es analizar esos elementos, destacando algunos aspectos económicos y políticos que se injieren en el cotidiano escolar. También enfatiza la importancia de la constitución de un sujeto social, capaz de historia propia, individual y colectiva. La dinámica de los acontecimientos escolares se demuestran por medio de las voces que circulan en la sala de los profesores, lugar central de estudio, lo que permite pensar el contexto y la necesidad de pensamientos reflexivos como posibilidad de transformación.

**PALABRAS CLAVE:** espacio, tiempo, sala de profesores.

Os dados utilizados no presente texto foram extraídos do relatório de estágio de psicologia escolar, desenvolvido a partir da experiência da autora como estagiária de psicologia escolar, durante um ano, em uma escola estadual de ensino fundamental do município de Santo Ângelo/RS, no turno da manhã. A escola abrange um total de 140 alunos, de 5ª a 8ª série, 10 professores que ministram as disciplinas nesse turno. Utilizar-se-á a sala dos professores como recorte para análise, a fim de que se possa perceber os elementos conceituados.

---

\* Mestre em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. Especialista em Educação Infantil, Especialista em Educação Infantil. Psicóloga.

A escola é uma instituição social perpassada por todos os elementos constituintes da sociedade a qual pertence. A sua dinâmica é intensa, sendo possível perceber aspectos sociais nos vários contextos escolares: recreio, cantina, salas de aula, sala dos professores, sala da direção, entre outros. As questões políticas e econômicas fazem parte da estrutura funcional da escola vindo à tona nos acontecimentos diários da instituição. O social, o político e o econômico podem ser percebidos na escola por meio de seus espaços, ambientes, tempos e relações. Pode-se referir à sociedade como um supersistema e a escola como um subsistema, conforme conceitua Patto:

Como geralmente um sistema está contido em num sistema mais amplo e pode ser constituído de partes que também assumem características de um sistema, surge a necessidade dos conceitos de supersistema e de subsistema. No caso particular do sistema escolar, a sociedade é um supersistema; o sistema escolar dela recebe uma variedade de elementos e a ela fornece uma série de produtos (1997, p. 16).

As políticas estabelecidas para a educação, no nosso país, e as questões econômicas permeiam a escola, assim como as ligadas ao “ser professora” (referente ao seu lugar no social e sua história pessoal e profissional) aparecem no contexto escolar por meio das relações espaço e tempo. A interação da instituição escolar, com seus espaços, ambientes, tempos e relações, mostra “sua cara”, ou seja, suas posturas, marcas e características dentro do contexto político social vigente. Barbosa (2006) aponta para o modo como, experimentam-se, o espaço e o tempo, sendo extremamente importante para a nossa constituição como sujeitos sociais:

As práticas temporais e espaciais nunca são neutras nos assuntos sociais; elas sempre exprimem alguns tipos de conteúdos de classe ou outro conteúdo social, sendo, muitas vezes, o foco de uma intensa luta social. Isso se torna duplamente óbvio quando consideramos os modos pelos quais o espaço e o tempo se vinculam com o dinheiro, e a maneira como esse vínculo se organiza de modo ainda mais estreito com o desenvolvimento do capitalismo (HARVEY apud BARBOSA, 2006, p. 140).

Segundo Horn (2004), pode-se entender o espaço escolar como uma extensão indefinida, um meio sem limites que contém todas as extensões finitas, um espaço de vida, no qual a vida acontece e se desenvolve, sendo assim, um conjunto complexo. Para as crianças, o espaço é aquilo que ela vê, o que faz nele, são seus elementos físicos. Porém o significado de espaço vai muito além, ou seja, são relações e ele só acontece nelas. Assim, o espaço escolar é todo o aparato material e físico estruturante, até as relações que se estabelecem no contexto.

Barbosa (2006) refere-se ao ambiente como um conjunto do espaço físico e as relações que se estabelecem nele. O termo ambiente é procedente do latim e faz referência “ao que cerca ou envolve”. Também pode propor circunstâncias que cercam as pessoas ou as coisas. Um ambiente fala, transmite sensações, evo-

ca recordações, passa segurança ou inquietação. Zabalza (1998) afirma que, do ponto de vista escolar, pode-se entender o ambiente como uma estrutura com quatro dimensões definidas, inter-relacionadas: dimensão física, dimensão funcional, dimensão temporal e dimensão relacional.

A dimensão física refere-se ao aspecto material do ambiente, às suas condições estruturais e à sua organização. A dimensão funcional é a forma de utilização dos espaços escolares, o tipo de atividade a qual se destinam. A organização do tempo abrange a dimensão temporal, portanto, os momentos em que serão utilizados os diferentes espaços. A relacional engloba as diferentes relações que se estabelecem no contexto escolar.

O ambiente não é algo estático, ou que exista *a priori*, embora todos os elementos que o compõem e que se reúnem nessas quatro dimensões possam existir independentemente, cada um por si. O ambiente somente existe na inter-relação de todos eles e à medida que os elementos que o compõem interagem entre si, por isso, cada pessoa o percebe de uma maneira. O espaço-escola, o prédio escolar, o salão, o pátio, a cozinha, as salas de aula, a sala de professores, o depósito, todos os espaços escolares são dinamizados por essas dimensões.

Neste texto, toma-se a sala das professores como foco para análise, com o pressuposto que o ambiente constitui expressão de um sistema social, com suas rotinas, relações e ideologias. Sobre o assunto, assim se manifesta Zabalza:

Quando encontramos em uma escola, as paredes, os móveis e a sua distribuição, os espaços mortos, as pessoas, a decoração, etc., tudo nos fala do tipo de atividades que se realizam, da comunicação entre os alunos(as) dos diferentes grupos, das relações com o mundo externo, dos interesses dos alunos(as) e dos professores(as)[...] (1998, p. 232).

## Descrição das relações espaço tempo na sala dos professores:

Durante o horário do recreio, que acontecia das 10h às 10h15min da manhã, os professores reuniam-se na *sala dos professores*, localizada ao lado do refeitório dos alunos. O espaço é pequeno, sendo que a porta de entrada fica em frente ao saguão (espaço coberto, utilizado pelos alunos em dia de chuva, no horário do recreio) e encontrava-se sempre fechada (chaveada) para evitar a entrada dos alunos no local. Dentro da sala, havia uma janela bastante grande, a qual permitia a visão de todo o pátio, porém, normalmente, encontrava-se encoberta por uma cortina. Mas, de vez em quando, os professores afastavam-na para observar a movimentação do saguão, defrontando-se com os alunos que tentavam “espiar” o que acontecia naquele ambiente.

A referida sala apresentava pouco espaço para a circulação das pessoas. No centro, havia uma mesa grande com cadeiras ao redor; na lateral, um grande armário era dividido em pequenos espaços nos quais os professores guardavam

seus materiais. Um quadro-negro, com alguns cartazes e avisos de horários estava afixado, ao lado de um velho mural ornamentado com flores de papel que indicavam os aniversários dos professores. Encostada na parede, uma pequena mesa abrigava o lanche (o mesmo que os alunos recebiam na merenda) e uma térmica de chá, rodeada por algumas xícaras.

Para indicar a hora do recreio, a campanha soava, normalmente, antes das 10h e, em seguida, os alunos corriam para chegar até o refeitório, sendo que alguns esbarravam nos professores que se dirigiam à sala para descansar. Alguns chegavam reclamando: *“Parecem uns bichos, que coisa mais horrível!”* (sic), *“Aih! Quase me matam.”* (sic) e logo serviam-se do lanche, acomodando-se nas cadeiras disponíveis. Conforme eles iam chegando, percebia-se que alguns alunos aproximavam-se e ficavam do lado de fora da sala escorados na porta, e, quando essa se abria, espionavam para dentro da sala. Alguns alunos procuravam os professores para esclarecer dúvidas referentes aos conteúdos, porém eram logo evitados com a justificativa de que aquele era o horário de descanso dos professores, de que as dúvidas seriam esclarecidas depois.

No decorrer no recreio, os professores permanecem sentados e conversam sobre suas vidas. Normalmente, referem-se ao cotidiano com insatisfação, queixando-se incansavelmente. Reclamam de suas rotinas, dos alunos que não aprendem, elogiam os que apresentam bons resultados, comparando-os com os “fracassados”. Culpam as famílias, a situação financeira, a classe social a que pertencem, o bairro onde moram, as brigas em casa, as companhias... Enfim, todas as possibilidades externas de responsabilidade. Reclamam dos salários, do cansaço, da falta de incentivo.

Tanscrevem-se, a seguir, partes dos diálogos que se sobressaem em um determinado recreio e que interessam para que se possa refletir sobre o que eles significam.

Era um dia muito chuvoso. A professora de Matemática chega à sala, serve-se de chá e senta-se em torno da mesa com os demais e diz: *“Mas credo, com essa chuva parecem que ficam piores! Estou tão cansada, dei aula ontem à noite para uma turma que não quer nada com nada, e hoje essa chuva deixa a turma tão agitada... e ainda tem o ‘M’ que deixa qualquer um louca. Hoje, ele me olhou e disse ‘professora para de me encher o saco e vai trabalhar!’ Mas onde já se viu!?”*. No mesmo momento, a professora de Geografia, que é a vice-diretora da escola, comenta: *“Eu ainda me aposento esse ano! Mas acho que vou sentir um pouco de falta dessa correria do dia-a-dia!”*. A diretora pergunta-lhe: *“E por falar nisso, tu conseguiu todos os documentos?”*, ela responde-lhe: *“Sim, consegui, mas olha o que aquelas mulheres lá da coordenadoria incomodaram não foi fácil, ao invés de ajudarem acabam complicando!”*. Na mesma oportunidade, chega, na sala, a professora de Educação Física e dirige-se à diretora indagando: *“Dire, mas assim não dá! Dar aula para os alunos dentro da sala de aula é brabo, tu sabe que eles gostam de correr, não tem como mandar cobrir a quadra?”*. Responde-lhe a diretora: *“Mas bem capaz, não te esquece que estamos pagando a pintura da escola ainda! Não tem como! Tem que dar um jeito com os recursos que temos!”*. Incomodada, a professora de Educação Física senta.

A de Matemática olha-me e diz: “*Tu podia fazer um momento de sensibilização com nós, tipo relaxamento, com umas velas, música e essas coisas pra deixar a gente com a auto-estima melhor, seria uma boa idéia!*”. Respondo-lhe: “*Isso não faz parte do meu trabalho, aqui, como estagiária, mas quem sabe pensarmos em um grupo para discutir os assuntos que estão incomodando vocês?*”. Retruca-me ela, insatisfeita: “*Isso não funciona, não adianta, ninguém participa!*”. A diretora intervém e fala: “*Ué, mas seria uma boa idéia! O que vocês acham?*”. Mas cada uma continuou fazendo seu lanche sem comentar sobre a possibilidade sugerida.

## <sup>1</sup> **Análise das relações espaço tempo**

Perante a organização do espaço, podem-se perceber as dimensões física, temporal, dimensional e relacional. Na dimensão física, observa-se que a mobília é antiga e permaneceu durante todo o estágio (um ano) no mesmo lugar, demonstrando a acomodação dos sujeitos que ocupam o espaço. Os cartazes, trazendo afixados apenas os avisos de horários e de entregas de documentos, representam a maneira como a instituição escolar maneja as relações. A dimensão relacional é marcada pela burocratização expressa nos cartazes de determinação de horários e datas para a entrega de documentos. Segundo Lapassade (pg. 193): “A burocracia é a organização da separação, é um tipo de relação de poder que atravessa toda a vida social, não se identifica apenas como o corpo administrativo do estado, ou da empresa, mas existe onde quer que se separe a decisão da execução, e o pensar do fazer”.

O antigo cartaz com flores, trazendo as datas de aniversários, também é um elemento que sugestiona a intensidade de movimentação e renovação. As flores antigas podem representar, simbolicamente, as professoras: as belas flores que perderam seu brilho com o passar do tempo e o desgaste do cotidiano, acumulando pó, apagando as letras e perdendo o sentido de sua prática docente.

A característica de a porta permanecer sempre fechada e as cortinas estarem “escondendo” o que acontece no local, faz pensar sobre a possibilidade do fechamento do grupo de professores em relação aos alunos, sendo que, pode demonstrar como seu cotidiano é desagradável, situação demonstrada na fala das professoras quando expressam seu cansaço. Os alunos são evitados na hora do intervalo e qualquer possibilidade de relação afetiva positiva que possa se estabelecer, naquele momento, é logo recebida com repulsa pelos professores.

Essa prática não é originada ao acaso ou unicamente pelos professores, mas imposta a partir da relação da instituição que é perpassada por um sistema político capitalista, o qual determina horários de trabalho, ou seja, produção e tempo de descanso, para aumentar a produtividade e qualidade para produção. Essa

<sup>1</sup> A análise dos elementos trazidos no texto não devem ser tomados como absolutos ou generalista, mas sim como uma hipótese para reflexão.

característica deve ser levada em conta para que não se responsabilizem os professores como os únicos desencadeadores dos elementos trazidos no texto. O sujeito constitui-se no social (Fleig, 1993), então é imprescindível incluir a escuta do discurso social na consideração de qualquer ação que vise o sujeito. Portanto, é impossível contextualizar este estudo sem pensar em tais atravessamentos. Como fundamenta Fischer (2005), muito mais importante do que saber o que está dito (ou o que está por trás do dito), é saber sob que condições de possibilidade tal dito emergiu.

O tamanho da sala e a disposição dos móveis acabam dificultando a circulação no local, o que simbolicamente pode representar a dificuldade de circulação de ideias, opiniões e afetos. O armário dividido em vários compartimentos, em que cada professor guarda suas coisas, leva a refletir como cada sujeito é dono do seu “material” (problemas, dificuldades, alegrias...). Não surgem discussões coletivas, evitando-se falar e refletir sobre o pertencimento a uma instituição, onde todos são responsáveis por seu funcionamento.

O horário de início e fim do recreio, normalmente, não é respeitado. As regras de tempo são infringidas, sempre em benefício de um “descanso” maior (que cansaço é esse?) Isso reflete a insatisfação dos professores, aliada com a possibilidade de transgredir as regras, ou seja, a transgressão circula na instituição como possibilidade de denúncia. Essa transposição de regras facilita a repetição dessa atitude pelos alunos. A “insatisfação” (do quê?) do professor, demonstrada na ampliação do tempo do intervalo, quebrando regras de tempo, é um espelho para os alunos. Também reflete uma característica brasileira, em que, quase sempre, é possível burlar o horário determinado. Corazza (2005) descreve situações semelhantes:

Cidade do planalto médio do Rio Grande do Sul, seminário promovido pela Secretaria Municipal de Educação. Entrada de um salão, 8 horas e 30 minutos da manhã, cerca de 800 professoras em imensa fila, carimbo de entrada. Painel integrado por três professoras convidadas, que tinham vindo da capital, e coordenado por uma supervisora da Secretaria. Às 11 horas e 15 minutos, sem que a terceira painelistas tivesse concluído a sua exposição nem ocorrido os debates, outra fila de professoras começa a se formar no corredor de acesso ao salão. \_ “o que está acontecendo?” pergunto, baixinho. A coordenadora explica, também sussurrando: \_ “começamos a carimbar a saída das professoras às 11 horas e 45 minutos. Elas estão esperando o carimbo”. O painel termina com mais professoras na fila do que no auditório (2005, p. 34).

Os desabafos de insatisfação que permeiam as relações entre os professores remetem a queixas infinitas referentes ao salário significativamente baixo para suportar a “incomodação” diária. As queixas se estabelecem e não produzem reflexão alguma, como se refere Fernandes (1994, p. 109): “creio que a queixa funciona como lubrificante da máquina inibitória do pensamento”. A queixa frequente dos “alunos problema” também é sempre ligada ao valor salarial. O que

se percebe é que com o que eles ganham, não há estímulo para mudanças. Por outro lado, com tantas queixas, produz-se um vazio, algo que fica apenas no lamentar-se. Para Fernández (1994, p.108): “a queixa funciona como uma acusação dirigida a alguém e como uma reclamação que espera daquele que escuta a entrega de uma solução, mais do que compartilhar o entendimento do problema”. O queixar-se faz com que nada mude, e nada se pense sobre o assunto. Alicia Fernández, ao referir-se ao tema, explica:

Por exemplo, uma das queixas pode ser: ‘os governos não se interessam pela educação’. Esta frase, como qualquer queixa, com uma máscara de aparente questionamento, está convalidando a situação, ao torna - lá como irreversível. Do mesmo modo que se diria ‘depois do dia vem a noite’, não há mais remédios (1994, p. 111).

Pode-se observar que por meio de cada expressão “como o professor não é valorizado” mais isso se confirma, e mesmo que seja o contrário isso já foi internalizado. Segundo Alicia Fernández: “A queixa promove, em quem a faz, a permanência, e até o fortalecimento da situação que a origina. De qualquer maneira o aborrecimento gera mais aborrecimento.” (1994, p. 112). Queixando-se uma para a outra, queixam-se da vida, porém não se produz uma movimentação, pois não há reflexão sobre o lugar que ocupam.

Os elementos históricos que colocam as professoras de hoje, nessa situação, levaram décadas para serem desenvolvidos. Elas foram ocupando o lugar de ensinar, educar, civilizar, segundo aspectos normativos e acrícos. Práticas de normalização e controle perpassam integralmente o ambiente por meio do qual essas mulheres e professoras foram se constituindo. Tais condições construíram-se com o passar dos anos e elas assumem e atuam em tais situações, naturalmente. Sobre o assunto, assim refere-se Fischer:

É que, de fato, essas mulheres vivem dentro de um determinado regime de verdade na qual foram produzidas e, assim, obedecem a um conjunto de regras instituídas historicamente, o que faz continuar ainda hoje “operando” com os mesmos enunciados que as constituíram subjetivamente como professoras (2005, p. 228).

Portanto, há, na constituição e subjetivação do ser professora, um sujeito já educado, civilizado e normatizado. Como salienta Fischer (2005, p. 231), “uma mulher que revela a norma internalizada, que vive um cotidiano permanente de autocontrole diante dos possíveis desejos, de falas contidas, silêncios que dizem”. Pode-se pensar que ser professora implica em omitir questionamentos.

As queixas evidenciadas no contexto *sala de professores*, referidas nas dificuldades de aprendizagens, são sempre vistas como conseqüências externas à escola, ou seja: à família, à classe social, ao Q.I., enfim, tudo é culpa do sistema social que

permeia a escola, porém os professores colocam-se como externos a esse sistema. Em seus estudos sobre vidas de professores, Nóvoa destaca:

Tendo dela uma imagem globalmente pouco positiva, situaram-se, em tempos explicativos, quase sempre, no plano da causalidade externa, nunca se questionando a si próprias [...]

O meio sócio econômico e cultural em que a escola se insere é tido como principal responsável pelo insucesso escolar e como fonte dos problemas causados por alguns alunos, na razão directa, quase sempre, da pouca importância que os pais atribuem à educação escolar e ao próprio processo de aprendizagem dos filhos (2000, p. 166).

Dessa maneira, uma alternativa para que a queixa possibilite a construção do juízo crítico é favorecer o questionamento e a reflexão para a redefinição de suas identidades. Levantar hipóteses e alternativas no encaminhamento de tais elementos é um caminho a seguir. Somente com uma construção conjunta, entre escola e comunidade escolar, levando-se em conta os princípios de coletividade e responsabilidade é que tais elementos poderão ser apropriados pelos educadores e (re)significados no cotidiano escolar, como enfatiza Corazza:

Para isso é preciso desprender-prender-esquecer o dado e o feito, que nos legaram de herança, fazer deles uma coisa-nenhuma ou nenhum-dado, nenhum-feito. É preciso desaprender o aprendido para poder ser partícipe da força de transformação, transfiguração, procriação e criação da educação. Ser educador não é só acumular, guardar, conservar, usar, mas também abandonar, largar, gastar e, neste gasto, readquirir, retomar, para poder se revitalizar (2005, p. 13).

A partir dessa análise, percebe-se que as políticas educacionais propostas em nosso país, a partir de objetivos econômicos e interesses além das fronteiras territoriais, são ineficientes e sua inaplicabilidade são características marcantes do sistema educacional brasileiro, como se refere Shiroma (2002): “...Parecia ao governo que, uma vez equacionados no âmbito da legislação, os problemas educacionais encontrariam solução real, como decorrência natural da lei bem formulada.” Ou seja, as leis e a sua prática nem sempre são condizentes como esclarece abaixo o mesmo autor:

Como pretende o estado melhorar a qualidade da educação cortando verbas, negligenciando a manutenção da infra-estrutura adequada, mantendo aviltados salários para os professores; enfim, sendo refratário as condições objetivas das escolas públicas no Brasil? A retórica da busca da qualidade choca-se com a concretude dos dados (SHIROMA, 2002, p. 112).

A distância entre a prática e as leis vigentes é extensa. Para que haja uma aproximação de tais elementos, é necessária uma discussão sobre as propostas e os objetivos das leis. Simplesmente agir sem haver um entendimento do que realmente se pretende é fazer no vazio. Isso significa implicar-se, na prática, nas



discussões e nas reflexões, para que as ações tenham concretude e significados. Dessa maneira, a educação re-faz-se constantemente na práxis. “Para ser tem que estar sendo.” (PATTO, 1997, p. 76)

As políticas e o contexto social em que esses elementos se dão são inevitáveis, mas é necessário o sentimento de pertença na sociedade em que se vive. Portanto, para além das políticas e da responsabilização de outros para a problemática dos professores em nosso país é fundamental uma reflexão a partir da necessidade de cada um responsabilizar-se sobre sua história, construindo um sentimento de pertença na sociedade em que vive. Cabem aqui as palavras de Corazza (2005):

As condições de trabalho, a precariedade material, a carga horária, a merenda escassa, a pobreza dos alunos, o salário baixo, o salário insuficiente, o salário... Tudo falta... Falta tudo... É uma falta só...

— ‘Se tu fosse diferente... Se a profissão fosse honrada... Se o meu curso tivesse sido melhor... Se o que me ensinaram na academia fosse útil na prática... Se me pagassem bem... Se o governador... Se o prefeito... Se o presidente... Se o sindicato... Se a escola apresentasse condições... Se as famílias fossem estruturadas... Se a comunidade tivesse mais recursos... Se os alunos nos respeitassem... Se os alunos se interessassem... Se os alunos tivessem limites... Se eles tomassem Ritalina... Se tudo fosse diferente, então, sim, eu seria uma ótima professora! Então, sim, eu seria plenamente realizada! Então, sim, eu seria feliz (sempre a mesma malevolência do ressentimento? – perguntaria Nietzsche) (2005, p. 38).

A importância da cidadania, da formação de juízos críticos, não apenas no sentido de responsabilizar os outros como causadores do insucesso, mas a si como pertencente da sociedade são questões que precisam ser consideradas. Demo (2002, p. 16) refere-se “a constituição de um sujeito social capaz de história própria, individual e coletiva”. Quem sabe assim poder-se-á possibilitar a reflexão sobre o lugar que elas assumem nos fazeres diários, e as (des)contribuições que possibilitam. Olhar para si e ter a possibilidade de reflexão sobre a sua implicação nos fatos é a questão:

Fracasso de uma professora construtivista-dialética? Fim das ilusões de uma pedagogia participativa? Vitória inevitável da marginalização, violência, miséria? Mal-estar cultural? Só mais um caso entre milhões? Atormentada ela fica por longo tempo lembrando Freud perguntar à Dora: ‘Olha qual é a tua própria parte na desordem da qual te queixas?’ (CORAZZA, 2005, p. 32).

As vozes que apontam para outros lugares, buscando encontrar saídas ou responsabilizar terceiros, direcionem-se para si em suas histórias individuais e coletivas. A partir de um processo reflexivo em que a possibilidade de desconstrução/construção possibilite processos de transformação. O processo reflexivo, como possibilitador da (re)significação do espaço que se ocupa na sociedade. Eis uma árdua, mas possível tarefa.

## Referências

- BARBOSA, M. C. S. *Por amor e por força: rotinas na educação infantil*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- CORAZZA, S. M. *Uma vida de professora*. Ijuí: Unijuí, 2005.
- DEMO, P. *Charme da exclusão*. São Paulo: Autores Associados, 2002.
- FLEIG, M. *Psicanálise e sintoma social*. Porto Alegre: Unisinos, 1993.
- FISCHER, B. T. D. *Professoras: histórias e discursos de um passado presente*. Pelotas: Seiva, 2005.
- FERNÁNDEZ, A. *A mulher escondida na professora*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- HORN, M. da G. S. *Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- LAPASSADE, G. *Grupos, Organização e Instituições*. Francisco Alves: RJ. 1986
- NÓVOA, A. (org.). *Vidas de Professores*. Portugal: Porto, 2000.
- SHIROMA, E. O.; MORAES, M. C. M. de; EVANGELISTA, O. *Política educacional*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- PATTO, M. H. S.(org.). *Introdução à psicologia escolar*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- ZABALZA, M. A. *Qualidade em educação infantil*. Porto Alegre: ArtMed, 1998.